DOI 10.35168/2175-2613.UTP.pens_ed.2026.Vol21.N59.pp186-200

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO DOS "OPRIMIDOS" PELA VISÃO DE PAULO FREIRE

SOME NOTES ON THE EDUCATION OF THE "OPPRESSED" FROM THE PERSPECTIVE OF PAULO FREIRE

Walace Rodrigues[1]

Resumo

Este texto tem como objetivo traçar alguns apontamentos sobre a Pedagogia e Filosofia freireanas no contexto da educação pública brasileira. Paulo Freire (Paulo Reglus Neves Freire, 1921-1997) foi um dos grandes nomes da Educação mundial, pensando metodologias que pudessem fazer com que a população vulnerável fosse alfabetizada e letrada criticamente. Sua Pedagogia Libertadora não era somente uma forma de letrar os oprimidos, mas também um exercício filosófico de deixar ver os porquês das situações sociais pelas quais passavam tais oprimidos. Esta pesquisa tem como base um aporte bibliográfico e é de natureza qualitativa, tendo como alguns autores selecionados: Bessa (2008); Foucault (1981/2018); Freire (1997a, 1997b, 2013, 2015); Rodrigues (2017, 2019, 2018, 2022, 2024), entre outros. Nossas pesquisas sobre os trabalhos freireanos revelam a relevância ímpar e a atualidade dos pensamentos de Paulo Freire para o Brasil e todo o mundo desenvolvido e em desenvolvimento, levando a encontrar soluções "simples" para problemas educacionais estruturais persistentes nas sociedades mais vulneráveis.

Palavras-chave: Pedagogia; Filosofia da Educação; Educação Libertadora.

Abstract

This text aims to outline some notes on Freirean Pedagogy and Philosophy in the context of Brazilian public education. Paulo Freire (Paulo Reglus Neves Freire, 1921-1997) was one of the great educators in world Education, devising methodologies that could make the vulnerable population literate and critically literate. His Liberating Pedagogy was not only a way of teaching literacy to the oppressed, but also a philosophical exercise of revealing the reasons for the social situations that these oppressed people went through. This research is based on a bibliographic contributions and is of a qualitative nature, with some selected authors: Bessa (2008); Foucault (1981/2018); Freire (1997a, 1997b, 2013, 2015); Rodrigues (2017, 2019, 2018, 2022, 2024), among others. Our research into Freire's works reveals the unique relevance and current importance of Paulo Freire's thoughts for Brazil and the entire developed and developing world, leading to the finding of "simple" solutions to persistent structural educational problems in the most vulnerable societies.

Keywords: Pedagogy; Philosophy of Education; Liberating Education.

1 Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden, Holanda. Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins - PPGLLit/UFNT, Tocantis, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9082-5203 E-mail: walacewalace@hotmail.com

"Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem
ela tampouco a sociedade muda."
(Paulo Freire, 2000, p. 67)

Introdução

Neste artigo, deixamos deixar ver a importância de Paulo Freire para a educação a nível mundial, uma vez que o mundo ainda enfrenta muitos dos problemas descritos por Freire e países em desenvolvimento necessitam de soluções simples, baratas e eficazes para melhorar a educação de suas populações e acabar com vulnerabilidades as mais variadas e que tem como base uma educação de qualidade.

Freire foi um educador que acabou por se tornar um filósofo da educação brasileira, pois pensava que, por meio de sua Pedagogia Libertadora, o educando oprimido conseguiria desenvolver um modo de pensamento crítico que o retirasse de várias situações de vulnerabilidade. O perguntar os porquês das situações de opressão era, sim, um ato filosófico em relação a sofrida vida real e cotidiana.

Este texto busca, assim, fazer uma incursão em alguns elementos conceituais que vemos como relevantes para compreender as teorias pedagógicas freireanas. Baseamo-nos em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, tendo como fonte alguns autores que entendemos como relevantes para pensar sobre as questões da filosofia educacional freireana. Alguns autores utilizados neste trabalho são: Bessa (2008); Foucault (1981/2018); Freire (1997a, 1997b, 2013, 2015); Rodrigues (2017, 2019, 2018, 2022, 2024), entre outros.

A filosofia educacional de Paulo Freire via alguns "elementos conceituais"

O conhecido educador brasileiro Paulo Freire (nome completo Paulo Reglus Neves Freire, 1921-1997), nascido no Recife, nordeste brasileiro, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife (FDR) e buscou caminhos pedagógicos e filosóficos de educar os "oprimidos" (aquelas pessoas mais pobres e mais vulneráveis socialmente), principalmente aqueles do interior do Nordeste brasileiro.

Explicamos melhor sobre aqueles que chamamos aqui de "oprimidos": são pessoas que sofrem em condições e circunstâncias de vulnerabilidades que podem ser revertidas: com precariedade de recursos materiais, simbólicos, de oportunidades etc., o que precariza a vida destas

pessoas em suas dimensões sociais diárias básicas, como alimentação todos os dias, acesso a serviços de saúde, educação, saneamento básico etc.

Assim, quando Freire desenvolve sua Pedagogia Libertadora, ele está indo contra o objetivo máximo do capitalismo, que é despersonalizar os seres humanos e os transformar em meros consumidores acríticos. Um caminho contra a indidualização extrema dos seres humanos (self made man e a uberização) é o reavivamento de laços contrários à diluição dos grupos organizados e de comunidades alternativas, onde os sujeitos possam lutar juntos (e de forma organizada e crítica) por melhores condições de vida. Isso fortalece pertencimentos identitários, criando redes de proteção social nas rachaduras do sistema capitalista. Neste caso, a educação popular de boa qualidade e sempre crítica e libertadora, como pensada por Freire, pode ser uma destas rachaduras.

Freire desejava que o poder da escrita e da leitura fosse um acesso básico de todas as pessoas no Brasil, pois as relações de poder socialmente impostas poderiam ser modificadas de várias formas em favor dos mais "oprimidos". Neste caminhar sobre o entendimento acerca do que chamamos de "poder", o filósofo Michel Foucault nos mostra que o "poder" está nas relações:

> O poder não é uma coisa. O poder são relações. O poder são relações entre indivíduos, uma relação que consiste que um pode conduzir a conduta do outro, determinar a conduta do outro. E determinada voluntariamente em função de uma série de objetivos que são seus. Dito de outra forma, quando olhamos o que é o poder, o poder é um exercício de governo, no sentido amplo do termo. Pode-se governar uma sociedade, pode-se governar um grupo, uma comunidade, uma família, e se pode governar alguém. Quando digo governar alguém é simplesmente no sentido de que se pode determinar sua conduta em função de estratégias, usando certas táticas. (Foucault, 1981, s.p)

E esse "poder" pessoal, exercido por aquele que domina a leitura e a escrita (e se "autogoverna"), acaba pode trazer uma visão crítica de mundo, de situações de opressão e de busca por liberdade. Vale ressaltar que, no Brasil, por muito tempo, as pessoas analfabetas não podiam votar. Ou seja, suas vozes não podiam ser politicamente ouvidas.

As teorias educacionais freireanas começaram a ser colocadas em prática na região nordestina brasileira, em lugares de muitos iletrados

no passado. Valéria da Hora Bessa nos conta como começou a jornada educacional de Freire na década de 1960:

> […] destaca-se a experiência da cidade de Natal, em 1961, com a campanha "De pé no chão também se aprende a ler", integrando educação popular e educação escolar, tendo Paulo Freire à frente das ações que deram origem à Pedagogia Libertadora. Tal pedagogia tinha como principal bandeira a de que todo ato educativo é, em si, um ato político. […] Ainda na década de 1960, os ideários de Paulo Freire são deturpados e sua Pedagogia é associada aos Movimentos marxistas e socialistas. […] O projeto de Educação Popular promovido por Paulo Freire é paralisado definitivamente pelo Golpe Militar de 31 de março de 1964. (Bessa, 2008, p. 21)

Vale destacar que as ideias de Freire nunca foram complexas ou extremamente epistemológicas ao nível do conhecimento acadêmico. Ele partiu do princípio do diálogo com as pessoas e a partir de suas realidades pessoais e locais para ensinar a ler e a escrever. Daí que sua abordagem focava em formar sujeitos (pessoas que agissem) críticos e conscientes de suas habilidades pessoais. Isso, por si só, fazia com que as pessoas pudessem enxergar-se como cidadãos políticos, capazes de votar e serem votados no sistema político de representação brasileiro. Freire nos diz:

> *Porque admira o mundo e, por isso, o objetiva; porque capta e compreende a realidade e a transforma com sua ação-reflexão, o homem é um ser da praxis.* Mais ainda: *o homem é praxis* e, porque assim o é, não pode se reduzir a um mero espectador da realidade, nem tampouco a uma mera incidência da ação condutora de outros homens que o transformarão em "coisa". Sua vocação ontológica, que ele deve tomar existência, é a do sujeito que opera e transforma o mundo. Submetido a condições concretas que o transformem em objeto, o homem estará sacrificado em sua vocação fundamental. Mas, como tudo tem seu contrário, a situação concreta na qual nascem os homens-objetos também gera os homens-sujeitos. A questão que agora enfrentamos consiste em saber, na situação concreta em que milhares de homens estejam nas condições de objetos, se aqueles que assim os transformam são realmente sujeitos. Na medida em que os que estão proibidos de ser são "seres para outro", os que assim o proíbem são falsos "seres para si". Por isso, não podem ser autênticos sujeitos. *Ninguém é, se proíbe que outros sejam*. (Freire, 1997b, p. 7, grifo nosso)

Vale ressaltar que Paulo Freire escreveu muitas obras literárias de grande impacto para a área da Educação, entre elas: "Pedagogia do oprimido"; "Pedagogia da autonomia"; "Educação como prática da liberdade"; "A importância do ato de ler"; "Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar", entre tantos outros.

Sua vasta obra literária resume um apanhado de elementos que desejamos aqui abarcar de forma sistemática, porém sintética. O primeiro elemento conceitual de Freire é que a educação se dá por meio do diálogo entre professor e estudante, fortalecendo um laço de cumplicidade educacional e comunicacional. Aprender não pode ser uma imposição do professor, mas um processo de comunicação que faz com que o educando compreenda a relevância daquilo que aprende para sua vida. Freire nos informa que:

> [...] a concepção recém-criticada (bancára), em alguns de seus ângulos, não pode operar a superação da contradição educador-educando, a *concepção humanista* parte da necessidade de fazê-lo. E essa necessidade lhe é imposta na medida mesma em que encara *o homem como ser de opções.* Um ser cujo ponto de decisão está ou deve estar nele, em suas relações com o mundo e com os outros. Para realizar tal, superação, existência que é a essência fenomênica da educação, que é sua *dialogicidade, a educação se faz então diálogo, comunicação*. E, se é diálogo, as relações entre seus polos já não podem ser as de contrários antagônicos, mas de pólos que conciliam. (Freire, 1997b, p. 14, grifo nosso)

O segundo elemento conceitual na filosofia educacional de Freire é que a educação deve se dar a partir das realidades locais dos educandos. Ou seja, o que se deve ensinar deve partir da vida diária das pessoas, de suas vivências (saberes e fazeres). Isso acontece, também, nas teorias de Freire pois, em sua época, ensinava-se a ler por meio de cartilhas. Tal material pedagógico, produzido nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, não condizia com as realidades dos nordestinos. Daí a necessidade do educador trabalhar a leitura a partir de "palavras geradoras" da realidade concreta dos estudantes.

Segundo Valéria da Hora Bessa, citando Jean Piaget, nossa aproximação com a realidade nos faz ter mais interesse em aprender:

> Segundo Piaget, o que nos motiva para a aprendizagem são os problemas cotidianos, os fatores desafiantes, os conflitos intelectuais, ou seja, os desequilíbrios constantes

> que ocorrem entre o que conhecemos e o que ainda existe a ser conhecido. Dessa forma, estamos em desequilíbrio no processo de aprendizagem quando o conhecimento que temos sobre algo é menor que o conhecimento contido no objeto a ser conhecido. (Bessa, 2008, p. 45)

Outro ponto importante a ser ressaltado é que palavras fora do contexto real dos estudantes são mais difíceis de serem compreendidas, pois não fazem parte de suas realidades, e as palavras que tais estudantes vulneráveis utilizavam todos os dias traziam uma natureza prática para a vida destas pessoas.

O terceiro elemento conceitual relevante a ser destacado é que a educação deve se voltar para a formação de sujeitos críticos, pessoas que compreendam suas realidades e que consigam, por meio da leitura e da escrita críticas, agir sobre tais realidades. Tal educação libertadora (assim ele denominava sua pedagogia) serviria, portanto, para a formação de sujeitos que agissem diretamente em suas realidades de oprimido para libertador:

> A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (Freire, 2013, p. 57)

Rodrigues, buscando fatos na realidade vulnerável dos estudantes das redes estaduais no Brasil, informa-nos que:

> […] através dos resultados das cinquenta escolas que mais aprovaram no ENEM de 2018, verificamos que nenhuma delas é pública estadual, mostrando claramente a falta de preparo dos estudantes dessas últimas para competirem em pé de igualdade com os estudantes das escolas particulares. Isso se refletirá, acreditamos, no futuro, em uma maior desigualdade social entre esses estudantes, fazendo com que aqueles com mais possibilidades financeiras sempre estejam melhor colocados no mercado de trabalho e tenham melhores salários. (Rodrigues, 2019, p. 90)

Ainda, segundo Rodrigues:

> […] a educação tem um papel potencialmente importante na diminuição da vulnerabilidade social, pois cria meios de melhorar a qualidade de vida daqueles que estudam. Acreditamos, também, que um ambiente educacional apropriado pode auxiliar os estudantes a enfrentar seus problemas de maneira mais objetiva, auxiliando na busca de soluções e na resiliência para enfrentá-los, transformando a realidade. (Rodrigues, 2017, p. 99)

O quarto elemento conceitual é que a educação deve ser contra a opressão e a bancarização do ser humano. A formação dos sujeitos (que consegue agir criticamente em suas vidas) passa pela busca da liberdade contra todas as formas de opressão. Ainda, a educação deve pautar-se pelo diálogo e pela liberdade de pensamento, evitando o que ele chamou de "educação bancária", que coisifica as pessoas e que destrói suas esperanças em um futuro melhor.

Sobre a "educação bancária", aquela que busca "coisificar" o homem, ele nos fala que:

> […] ao não superar a contradição educador-educando, mas, pelo contrário, ao enfatizá-la, não pode servir senão à "domesticação" do homem. Da não superação dessa contradição, decorre: a) que o educador é sempre quem educa; o educando, o que é educado; b) que o educador é quem disciplina; o educando, o disciplinado; c) que o educador é quem fala; o educando, o que escuta; d) que o educador prescreve; o educando segue a prescrição; e) que o educador escolhe o conteúdo dos programas; o educando o recebe na forma de "depósito"; f) que o educador é sempre quem sabe; o educando, o que não sabe; g) que o educador é o sujeito do processo; o educando seu objeto. Segundo essa concepção, o educando é como se fosse uma "caixa" na qual o "educador" vai fazendo seus "depósitos". Uma "caixa" que se vai enchendo de "conhecimentos", como se o conhecer fosse o resultado de um ato passivo de receber doações ou imposições de outros. Essa falsa concepção de educação, que toma o educando passivo e o adapta, repousa numa igualmente falsa concepção do homem. Uma distorcida concepção de sua consciência. *Para a concepção "bancária", a consciência do homem é algo espacializado, vazio, que vai sendo preenchido com pedaços de mundo que se vão transformando em conteúdos de consciência. Essa concepção mecanicista da consciência implica necessariamente em que ela esteja permanentemente recebendo pedaços da*

> *realidade que penetrem nela. Não distingue, por isso, entre entrada na consciência e tomar-se presente à consciência.* A consciência só é vazia, adverte-nos Sartre, na medida mesma em que não está cheia de mundo. (Freire, 1997b, p. 12, grifo nosso)

O quinto elemento conceitual é que a educação deve servir como um pensar político e um fazer coletivo para a liberdade, a união e contra a opressão. Se os atos de ler e escrever podem auxiliar a decidir e a votar conscientemente, a criticidade coloca-se como um ponto importante na pedagogia freireana. Freire revela:

> [...] devemos ter como objeto de nossa reflexão as nossas próprias experiências ou as de outros sujeitos no domínio que desejamos compreender melhor. Assim ser-nos-á possível - em diferentes momentos e não necessariamente na mesma medida - começar a perceber a significação real do contexto linguístico quando eu digo: o processo de alfabetização política. Nesta frase - processo de *alfabetização política* - a palavra "alfabetização" é utilizada de modo metafórico. Tendo em consideração a presença desta metáfora, parece-me que a melhor maneira de começar a nossa análise, é estudar o fenômeno concreto que toma possível a utilização autêntica duma tal metáfora, quer dizer discutir, por muito brevemente que seja, o processo de alfabetização dos adultos, de um ponto de vista linguístico, aquele sobre que se baseia a metáfora. Isto implicará, do ponto de vista metodológico, algumas considerações preliminares sobre as diferentes maneiras de fazer, dado que existem, no domínio da alfabetização dos adultos, maneiras que, por sua vez, condicionam *as diferentes maneiras de compreender os analfabetos*. No fundo, há só dois métodos educativos diferentes, revelando atitudes específicas face aos iletrados; o primeiro, o da educação visando a domesticação do homem; o segundo, o da *educação que visa a libertação do homem (não que por si só a educação possa libertar o homem, mas ela contribui para esta libertação ao conduzir os homens a adotar uma atitude crítica face ao seu meio)*. (Freire, 1997b, p. 21, grifo nosso)

O sexto e último elemento que desejamos apontar neste escrito é que a educação deve se dar de forma afetiva, acolhedora e compreensiva, reforçando a cumplicidade entre professor e estudante no ato de aprender dialogando. Para Freire, tanto professor como estudante estão aprendendo

sem cessar quando ensinam e quando aprendem. Há uma compreensão de homem como um ser que está sempre aprendendo, sempre sendo, sempre agindo sobre o mundo. Freire (1997a, p. 161) diz-nos que: "A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio teórico a serviço da mudança".

Podemos entender, também, este humanismo freireano como ações éticas a partir das realidades que nos são impostas:

> É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como "não eu" do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um "projeto", um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, conhecê-la para transformá-la. Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas, a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão. (Freire, 2013, p. 55)

Ainda, a escolha inusitada das palavras utilizadas por Paulo Freire e os neologismos criados por ele levam a uma compreensão filosófica da educação dos mais vulneráveis. Freire criou, por exemplo, o verbo "esperançar", ou seja, aprender a sempre ter esperança na melhora das condições de vida e do crescimento ético dos seres humanos.

Ele diz, também, que somos nós que, quando lemos um texto, fazemos a "inteligência" de tal texto, pois damos a ele nossa interpretação pessoal e temporal por meio de um letramento crítico. Freire nos diz sobre essa compreensão pessoal que damos aos textos com os quais temos contato:

> Voltemos um pouco a este aspecto da leitura crítica segundo o qual o leitor se torna ou vai se tornando igualmente produtor da inteligência do texto. O leitor será tão mais produtor da compreensão do texto quanto se faça realmente apreensor da compreensão do autor. Ele produz a inteligência do texto na medida em que ela se torna conhecimento que o leitor criou e não conhecimento que lhe foi justaposto pela leitura do livro. Quando eu apreendo a compreensão do objeto em lugar de memorizar o perfil do conceito do objeto, eu conheço o objeto, eu produzo o conhecimento do objeto. (Freire, 2015, p. 53)

Neste mesmo caminho de Freire sobre os sentidos dados pelo leitor dos textos, Michèle Petit nos revela que o domínio da leitura crítica

é uma ferramenta poderosa para nos encontrarmos com nós mesmos, para compreender o mundo que nos cerca, colocando-nos como sujeitos (agentes) no mundo:

> O que está em jogo a partir da leitura é a conquista ou reconquista de uma posição de indivíduo. Pois os leitores são ativos, se aproximam do que leem, dão outro significado aos textos lidos, deslizam seus desejos, suas fantasias e suas angústias entre as linhas, desenvolvem toda uma atividade mental. Na leitura há algo mais do que o prazer, algo que é da ordem de um trabalho psíquico, no mesmo sentido de quando falamos em trabalho de luto, trabalho de sonho ou trabalho de escrita. Um trabalho psíquico que permite encontrar um vínculo com aquilo que nos constitui, que nos dá vida. (Petit, 2013, p. 68)

Ainda, o professor Antonio Candido revela que o ato de leitura nos humaniza, pois a humanização parte do saber e da reflexão, no mesmo caminhar das teorias freireanas:

> Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Candido, 2004, p. 180)

Também, Freire compreende o homem dentro de sua história pessoal e de seu tempo, de seu *zeitgeist,* um homem que incorpora criticamente o espírito de sua época. Daí a necessidade de ler e escrever competentemente para participar ativamente de sua sociedade e de seu tempo.

Freire foi um filósofo da educação de seu tempo e dialogou conceitualmente com pensadores como Henri Wallon (1879-1962), Jean Piaget (1896-1980), Lev Vygotsky (1896-1934), John Dewey (1859-1952), dentre outros estudiosos no campo da Educação.

Paulo Freire nos mostra, ainda, que para ser um bom professor é preciso:

> […] rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, a corporeificação das palavras em exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, a consciência do inacabado, o reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, a apreensão da realidade, alegria e esperança, a convicção de que a mudança é possível, curiosidade, segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo, querer bem aos educandos. (Freire, 1997a, p. 7-9)

Assim, mudar a realidade de opressão é esperançar por uma libertação de amarras que se dá, efetivamente, por meio do enfrentamento de tais opressões e opressores:

> O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em 'círculos de segurança', nos aprisione também a realidade. Tão mais radical quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. Se a sectarização, como afirmamos, é o próprio do reacionário, a radicalização é o próprio do revolucionário. (Freire, 2013, p. 37)

Ou seja, o professor também deve incorporar a dimensão humanisticamente crítica em relação a seu mundo, as realidades dos estudantes e suas condições profissionais, entre tantos outros pontos importantes para a prática educativa.

Atualmente, o *Censo Escolar da Educação Básica 2024* (Brasil, 2024) mostrou 47,1 milhões de matrículas em 179,3 mil escolas brasileiras, evidenciando uma queda de 0,5% de matrículas em relação a 2023. Houve aumento no ensino técnico de nível médio, com 12% mais estudantes matriculados nesta modalidade de ensino. Ainda, as matrículas na

Educação Infantil aumentaram e a maioria das crianças matriculadas agora são negras. No entanto, há muito a ser fazer para aumentar o ensino de tempo integral no Brasil.

Assim, nota-se uma mudança no perfil demográfico no Brasil. Se, historicamente, as pessoas negras, sempre mais vulneráveis estaticamente no Brasil, foram muito discriminadas em nossa sociedade, hoje em dia, essa população tem acesso irrestrito às escolas e aos benefícios do ensino. No entanto, sempre devemos questionar a qualidade deste ensino e destas escolas que atendem aos mais vulneráveis socialmente, pois elas devem ser, sempre, as escolas que recebem mais recursos, as que têm os melhores professores e as que sempre têm mais apoios governamentais. Isso para que a desigualdade vá desaparecendo de nossa sociedade ainda acostumada com muitos extratos sociais e a divisões por classes estruturais.

Segundo Rodrigues, as realidades sociais e culturais dos educandos devem reger a compreensão de que a pedagogia utilizada deve ser aquela que parta da vida dos estudantes, como bem nos ensina Freire:

> [...] as práticas educacionais escolares devem ser um reflexo das situações concretas vividas pelos estudantes. Essas situações servem como ponto de partida para os conteúdos a serem ensinados e como exemplos destes conteúdos. Tais conteúdos explicados a partir das vivências dos alunos devem fazer com que eles se tornem seres realmente pensantes, indagadores e críticos. Neste sentido, acreditamos que a criticidade não é algo negativo, como nos foi ensinado durante todo o período da ditadura militar no Brasil, mas ela deve levar-nos a pensar com mais afinco e a buscar mudanças positivas em nosso meio. (Rodrigues, 2018, p. 36)

Rodrigues (2022, 2024), utilizando a pedagogia de Paulo Freire como base para suas análises sobre a educação pública brasileira, tenta compreender como as teorias pedagógicas freireanas podem ser aplicadas em contextos de resistência e luta contra a colonialidade no Brasil e em outras formas de opressão de pessoas vulnerabilizadas ("oprimidos"). Rodrigues também explora a dimensão política e ética da educação freireana, argumentando que ela pode ser uma ferramenta contracolonial e libertadora, levando a quebrar com correntes históricas de vulnerabilidades sociais.

Cabe acentuar que Edgar Morin, em um constante diálogo com as ideias de Freire, contribui, em muito, para a construção de uma educação transformadora, buscando superar a visão fragmentada do conhecimento

que o pensamento cartesiano gerou. Nesse sentido, a sua leitura da Pedagogia Libertadora de Freire se abre para uma visão crítica acerca da necessidade de unir o que parece "indicotomizável", como diria Freire (1983, p. 51).

Morin converge com Freire sobre a necessidade de uma reforma do pensamento e da educação, com foco na autonomia, na conscientização, no diálogo constante e na transdisciplinaridade. A teoria da complexidade de Morin deve muito aos ensinamentos freireanos. Morin explica-nos sua teoria da complexidade pontuando que:

> A complexidade surge de algo que é complementar a outro. Vem de um certo grau de complementariedade entre as partes envolvidas no processo. Esta noção de complementariedade antagônica é básica em nosso raciocínio. Trata-se de uma complementariedade antagônica entre o individual e o artístico de um lado, e o estandartizado e industrial de outro. É isto que entendo por complexidade. A associação complementar de coisas antagônicas. (Morin, 2001, p. 10)

Como vemos, os elementos conceituais da filosofia da Educação Libertadora de Paulo Freire dão força não somente a uma poderosa teoria do fazer educacional, mas também a um entendimento de mundo onde nenhum homem é melhor que outro, onde ninguém pode ser medido por sua importância social em detrimento de outro, levando a uma compreensão humanizada da riqueza pessoal de cada um e da importância de sua força agentiva sobre as realidades em que vive.

Ainda, a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire influenciou e ainda influencia pensadores sobre formas de modificar os pensamentos epistemológicos acerca da Educação, sem se esquecer da necessidade de compreender a prática docente como espaço de onde tais pensamentos devem surgir, colocando-se sempre críticos e atentos aos diálogos que vêm do chão das escolas e dando retornos a tais escolas.

Algumas considerações finais

Neste artigo, buscamos mostrar a atualidade das discussões teóricas freireanas como Pedagogia e Filosofia da Educação ainda muito relevantes para nós, brasileiros, em um país com uma grande quantidade de iletrados na atualidade; para outros países em desenvolvimento; e para os países que necessitam lidar com situações de alfabetização letral e crítica de uma população vulnerável em vários aspectos.

Nosso interesse pela educação como um instrumento de transformação social se dá na mesma linha de Freire: pela importância da criticidade e pelo diálogo como métodos de ensino-aprendizagem. Uma educação baseada na dialogicidade e na formação de pensadores críticos, transforma as pessoas em sujeitos que conseguem organizar suas vidas em direção ao crescimento pessoal e social.

Tal crescimento das pessoas em situação de analfabetismo e/ou opressão requer a superação de vulnerabilidades, necessitando pensar e viabilizar ferramentas e ações para criar direitos/leis/espaços que as acolham e as tratem como cidadãos.

Vale ressaltar que, apesar dos muitos avanços na área da educação escolar dos mais vulneráveis no Brasil, pois o acesso à escola pública realmente se democratizou no século XXI, no Brasil, ainda há muitos problemas a serem sanados, como a falta de merenda escolar de qualidade (comida mesmo: arroz, feijão, carnes, verduras, legumes etc) para todas as crianças em várias escolas periféricas, a necessidade de aumento dos salários dos professores, a urgente demanda por concursos na área de educação (federal, estadual e municipal), a falta de mais valorização da profissão docente a recorrente necessidade de formação continuada de professores, entre tantos outros.

Compreendemos, também, que a Pedagogia Libertadora pode ser, ainda hoje, objeto de reinvenção, pois alguns problemas atuais na educação brasileira ainda nascem de uma natureza conservadora, patriarcal, colonial e reacionária, como a proibição de certos livros literários em escolas da Educação Básica, o cerceamento a discursos de professores universitários mais críticos, o Estado permitindo que a escola pública deixe sua "laicidade" de lado, entre tantos outros pontos em que a visão crítica e questionadora da Pedagogia Libertadora pode muito nos auxiliar hoje em dia.

Por fim, podemos compreender a grandeza dos pensamentos de Paulo Freire a partir da visão humanista que ele dá a todas as pessoas (não somente à Educação), mesmo aquelas que necessitam de mais atenção para conseguirem superar as barreiras do mundo das letras e do mundo socioeconômico, esperançando ver os sujeitos em suas potências máximas de criatividade, afetividade, alegria e vida.

Referências

BESSA, Valéria da Hora. Teorias da aprendizagem. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

BRASIL. Censo Escolar da Educação Básica 2024. Brasília: MEC, Deed/Inep, 2024.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, p. 169-191, 2004.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault na Universidade Católica de Louvain em 1981 – Trad. Santos. Berten entrevista Foucault (1981). Clinicand. Abril 15, 2018 por Anderson dos Santos.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 8a ed., 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 5a edição. São Paulo: Paz e Terra, 1997a.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. Revista da FAEEBA. Faculdade de Educação do Estado da Bahia. Ano 6 N. 7, Edição de Homenagem a Paulo Freire. Salvador-BA, UNEB, p. 9-32, Jan/Jun 1997b.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 54ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 24. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MORIN, Edgar. Edgar Morin, o arquiteto do pensamento. Entrevista a Miguel Pereira. Revista ALCEU. V.2, n.3, p. 5-14, jul./dez. 2001.

PETIT, Michèle. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. Trad. Cecília Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

RODRIGUES, Walace. As práticas pedagógicas de Paulo Freire como mecanismos decolonizadores. Revista Educação. UNG, v.17, n.2, p. 42-50, 2022. Disponível em DOI: 10.33947/1980-6469-V17N2-4444 Acesso em: 28 jun. 2025.

RODRIGUES, Walace. A countercolonial pedagogical tool: Notes on Paulo Freire's educational theory. Revista de Educação Geográfica da Universidade do Porto. N. 7/8, p. 3-11, 2024. Disponível em: https://ojs.letras.up.pt/index.php/GETUP/article/view/15274 Acesso em: 28 jun. 2025.

RODRIGUES, Walace. Educação situacional: educar a partir de situações reais. Revista Magistro. Duque de Caxias/RJ, Unigranrio, v. 2, n. 18, p. 25-37, 2018. Disponível em: https://publicacoes.unigranrio.edu.br/magistro/article/view/4340 Acesso em: 22 jun. 2025.

RODRIGUES, Walace. O currículo escolar aumentando desigualdades sociais: o caso da educação pública brasileira. Revista Humanidades e Inovação. Unitins, v. 6, n. 18, p. 84-91, 2019. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1616 Acesso em: 22 jun. 2025.

RODRIGUES, Walace. O PARFOR enquanto estratégia educacional de luta contra a vulnerabilidade social. Revista Magistro. Duque de Caxias/RJ, Unigranrio, v. 2, n. 16, 2017, p. 95-109. Disponível em: http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/4319/0 Acesso em: 22 jun. 2025.

Submetido em julho de 2025
Aceito em setembro de 2025
Publicado em novembro de 2026